

O texto defende que a cultura não é apenas uma redescoberta do passado ou uma “arqueologia”, mas sim um processo contínuo de produção e transformação. Ela engloba a tradição, mas permite a recriação dos sujeitos como novas entidades. As identidades culturais estão num estado de constante formação e transformação, com maior ênfase na natureza evolutiva da identidade do que nas suas características estáticas.

O texto faz uma distinção entre os termos “multicultural” e “multiculturalismo”. O termo “multicultural” é descritivo e refere-se às características de uma sociedade onde coexistem diversas comunidades culturais, mantendo parte da sua identidade original. Em contrapartida, o termo “multiculturalismo” é substantivo e refere-se às estratégias e políticas adoptadas para lidar com a diversidade e a multiplicidade dessas sociedades. Enquanto o termo “multicultural” é plural por natureza, aplicando-se a várias sociedades culturalmente heterogêneas, como os Estados Unidos, o Reino Unido, a França e a Nigéria, o termo “multiculturalismo” refere-se geralmente a uma filosofia singular para governar esta diversidade.

Como o texto indica, a globalização está a minar os modelos culturais tradicionais, fixos e uniformes que foram herdados e estabelecidos, desmantelando as fronteiras construídas e pondo em causa os próprios fundamentos do Iluminismo ocidental. As identidades culturais, antes consideradas estáveis, estão agora a fragmentar-se face à crescente diferenciação. As migrações, forçadas ou livres, estão a transformar as culturas e a pluralizar as identidades, sobretudo nas antigas potências imperialistas e nos Estados-nação. Este processo envolve um processo de “minoritização” no seio das sociedades metropolitanas, que desafia a sua homogeneidade cultural e marca o fim da modernidade, tal como tem sido definida exclusivamente pelos termos ocidentais.

O texto apresenta um paradoxo da globalização contemporânea: ao mesmo tempo que a globalização promove a homogeneização cultural, também dá origem a uma proliferação de diferenças locais. Isto reflete-se na necessidade de as indústrias globais, como a televisão, se adaptarem às culturas locais para terem sucesso. O conceito de “diferença” de Derrida é utilizado para elucidar esta dinâmica, descrevendo um sistema em que os significados são determinados de forma relacional, sem serem fixos ou absolutos. Consequentemente, as lutas entre interesses locais e globais persistem, sem uma resolução definitiva.